

A literatura moderna como contraponto à razão clássica em *História da loucura* de Michel Foucault: linguagem, loucura e transgressão.

Prof. Dr. André Constantino Yazbek¹ (PUC-SP/FAAP)

Resumo:

As últimas páginas da tese doutoral de Michel Foucault, História da loucura na Idade Clássica (1961), sublinham a emergência de “experiências singulares”, cujos protagonistas são escritores como Sade, Hölderlin, Nerval, Artaud e Nietzsche. Recuperando o lugar singular ocupado por esta espécie de escritura do “excesso” e da “transgressão” no interior de História da loucura, pretende-se lançar luzes sobre o esforço foucaultiano para extrair da linguagem literária moderna um contraponto fundamental a toda tentativa discursiva de encerrar a loucura na “verdade da razão”.

Palavras-chave: linguagem literária, loucura, razão clássica e transgressão.

Fosse o caso de caracterizar uma obra como *História da loucura na Idade Clássica* recorrendo a um único termo, diríamos se tratar de uma **denúncia** – uma denúncia do quão frágil e, portanto, arbitrário é o lastro que sustenta, a partir de um espaço historicamente configurado pela Idade Clássica, a demarcação entre “razão” e “desrazão” no âmbito do saber que é o nosso. Com efeito, a tese doutoral de Michel Foucault, publicada em 1961, nos apresenta uma história do advento de uma *ratio* – aquela do mundo ocidental – na qual a loucura será conjurada, colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus “direitos à verdade”, quer dizer, fora do domínio próprio à razão: para o pensamento clássico, para a “Idade de Descartes”, se não se pode jamais excluir que o *homem* enlouqueça,

“/.../ o pensamento, como exercício de soberania de um sujeito que se atribui o dever de perceber o verdadeiro, não pode ser insensato. Uma linha divisória é traçada, e ela logo tornará impossível a experiência, tão familiar à Renascença, de uma Razão irrazoável, de uma razoável Desrazão” (FOUCAULT, 1972. p. 70).

Trata-se, assim, de fazer ver a maneira pela qual a loucura, ao constituir-se desde o fim do século XVIII como “doença mental”, é caudatária de um movimento da razão no sentido de manter a distância os elementos que lhe são heterogêneos, purificando-os de toda a pretensa “subjetividade racional” para deles se apoderar sem riscos: “Talvez o fato de a loucura pertencer à patologia deva ser considerado antes como um confisco” (Idem ibidem. p. 208). Confisco que terá seu ponto culminante no Hegel da *Enzyklopädie*, mais especificamente no § 408 da obra: a alienação mental não é uma perda da razão, mas, em

seu interior mesmo, uma contradição entre o particular e o universal (HEGEL, 1986) – doravante, segundo Foucault, “/.../ o ser humano não se caracteriza por certa relação com a verdade; mas detém, como seu bem próprio, a um só tempo exposto e escondido, uma verdade” (FOUCAULT, 1972. p. 653). E o *Prefácio* da obra doutoral de Foucault já indicava, a um só tempo, seu anti-hegelianismo e sua filiação a Nietzsche: *História da loucura* se anuncia como parte de uma “/.../ longa enquête que, sob o sol da grande pesquisa nietzschiana, gostaria de confrontar as dialéticas da história com as estruturas imóveis do trágico” (FOUCAULT, 2001a. p. 190). A se julgar por essas palavras, conviria afirmar que a *Aufheben* dissolve a alteridade – a razão ocidental é, antes de tudo, monológica.

Destarte, é no âmbito daquilo que Foucault chamará de “experiência antropológica” da loucura que se inscreverá a possibilidade do nascimento da psiquiatria como **ciência positiva** sobre o homem – a ela a tarefa de enunciar a verdade essencial do humano a partir de experiências que configuram precisamente a perda das verdades humanas. A loucura, mesmo não possuindo “nenhum de seus signos na esfera da razão”, fecha o homem na objetividade – de maneira que, do “/.../ homem ao homem verdadeiro, o caminho passa pelo homem louco” (FOUCAULT, 1972. p. 649):

A loucura é a forma mais pura, a forma principal e primeira do movimento pelo qual a verdade do homem passa para o lado do objeto e se torna acessível a uma percepção científica. O homem só se torna natureza para si mesmo na medida em que é capaz de loucura. Esta, enquanto passagem espontânea para a objetividade, é um momento constitutivo no devir objeto do homem (Idem ibidem. p. 648).

Explicita-se aqui, igualmente, o enraizamento do discurso na vida social para além do campo de cientificidade *per si* – conquista de uma abordagem metodológica, aquela da arqueologia, que maneja a análise discursiva na transitividade das configurações discursivas em relação às configurações sociais: o “homem normal” situa-se não em um espaço natural, mas sim em um espaço sistêmico que “identifica o *socius* ao sujeito de direito” – é a nossa cultura, dirá Foucault, que situou o louco “/.../ no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito” (Idem ibidem. p. 176).

Ocorre que, em Foucault, a todo **poder** corresponde um **contra-poder**, a todo **enquadramento**, algo **fora de esquadro** – e é a “experiência literária” moderna que virá a constituir-se, para o filósofo, em ponto de fuga desta tentativa (igualmente moderna) de encerrar a loucura na verdade da razão. Nela, parece reforçar-se o desiderato fundamental de uma *démarche* centrada na exigência do desmonte da positividade moderna da finitude através do “*effacement*” do sujeito moderno.

Que se tenha em conta, portanto, as páginas finais de *História da loucura*: nelas, Foucault procura sublinhar a emergência de “experiências singulares”, cujos protagonistas são escritores como Sade, Hölderlin, Nerval, Artaud e Nietzsche.

¹ A especificidade de tais “experiências” provém do fato desses autores testemunharem, de modo absolutamente *sui generis* e a partir de uma perspectiva poética da linguagem, uma passagem da “desrazão clássica” à “loucura moderna” que parece subvertê-la em seu pretense significado histórico: “/.../ a loucura de Nietzsche, quer dizer, o desmoronamento de seu pensamento, é aquilo através do qual o seu pensamento se abre sobre o mundo moderno” (Idem *ibidem*. p. 662). Pela palavra marginal, que confere à loucura uma profundidade e um poder de revelação que o classicismo havia lhe subtraído, a experiência literária implica uma afronta ao risco da desrazão, perfazendo uma relação essencial entre “loucura” e “verdade” cujo predecessor mais ilustre seria *O sobrinho de Rameau*, de Diderot – desde então, tratar-se-ia do “/.../ reaparecimento da loucura no domínio da linguagem, de uma linguagem na qual lhe era permitido falar na primeira pessoa e enunciar /.../ alguma coisa que tivesse uma relação essencial com a verdade” (Idem *ibidem*. p. 638).

Foucault procura extrair desta espécie de escritura do “excesso” e da “transgressão” um contraponto fundamental a toda tentativa discursiva – e, portanto, *positiva* – de encerrar a loucura na “verdade da razão”: “/.../ pela mediação da loucura, é o mundo que se torna culpado (pela primeira vez no mundo ocidental) aos olhos da obra; ei-lo requisitado por ela, obrigado a ordenar-se por sua linguagem”, obrigado, enfim, “/.../ à tarefa de dar a razão *desse* desatino, *para* esse desatino” (Idem *ibidem*. p. 663). À “experiência positiva” da loucura (medicalizada, patologizada) vem somar-se, como sua contraparte, a experiência lírica e trágica de Nietzsche, Artaud e tantos outros – profundamente heterogêneas, mas complementares, tais experiências explicitam, por contraprova e em seus limites, tanto as condições de possibilidade do saber sobre a desrazão quanto as formas possíveis de sua contestação. É no âmbito de um horizonte historicamente informado pela emergência do conceito de “doença mental” que a “negatividade” da escrita manifesta os limites para a conformação positiva dos discursos sobre a loucura; é do “exterior” que ela parece reportar-se à configuração arqueológica que dará lugar ao saber moderno – um saber que faz da loucura o limite da obra: “*lá onde há obra, não há loucura*” (Idem *ibidem*, loc. cit.).

Assim sendo, é a partir da idéia de uma linguagem no “extremo limite” – uma linguagem que não arremata a “verdade secreta” da obra, não demarca seu crepúsculo, mas antes se abre sobre seu próprio espaço revelando-o como uma “superfície de inscrição”² – que literatura e loucura se encontram no interior da arqueologia foucaultiana. Em ambas, Foucault procura a linha fronteira com relação ao referencial do “sujeito enunciativo” característico da modernidade: de modo similar a “experiência trágica” da loucura, também a literatura moderna estabelece um comércio essencial com o *limiar* da configuração moderna do pensamento, articulando-se ao projeto geral de uma arqueologia de nossa cultura lá onde um tal projeto faz valer a força de seus deslocamentos. E basta percorrer algumas linhas do já citado *Prefácio* da primeira edição de *História da loucura* para aquilatar quanto a arqueologia se vincula, desde a primeira hora, a uma “história dos

¹ Referimo-nos à conclusão da tese doutoral de Foucault: “*Le cercle anthropologique*” (Cf. FOUCAULT, 1972, pp. 531-557).

² O termo é utilizado por Deleuze para caracterizar o modo como a arqueologia de Foucault maneja o conceito de enunciado (Cf. DELEUZE, 2007. p. 109).

limites”: “Poderíamos fazer a história dos *limites* – destes gestos obscuros, necessariamente esquecidos desde de que completados, pelos quais uma cultura rejeita qualquer coisa que, para ela, será o Exterior” (FOUCAULT, 2001a. p. 189). Nesta medida, compreende-se que para Foucault não haja história *senão em seus limites*, limites que emergem precisamente das formas de experiência capazes de subverter a tranqüilidade falaciosa de uma pretensa continuidade do processo histórico: “/.../ para a nossa cultura, não pode haver razão sem loucura” (Idem ibidem. p. 191). São as rasuras, as cisões que interessam a Foucault, posto que é lá que se tramam as batalhas decisivas da história, ou melhor, é lá que se engendra a própria “**possibilidade de história**”: “Interrogar uma cultura sobre suas experiências-limite significa questioná-la, nos confins de sua história, acerca do dilaceramento que é como o nascimento mesmo de sua história” (Idem ibidem. p. 189). Em outros termos: se a história é possível, ela o é “tendo como fundo uma ausência de história, no meio do grande espaço de murmúrios que o silêncio espreita como sua vocação e sua verdade” (Idem ibidem. p. 191). E se a literatura aqui interessa, é porque, neste caso, ela se manifesta como linguagem que transgride as leis da linguagem, isto é, “murmúrio”, “ruído”, “rumor” – é aqui que a loucura, para além do longo silêncio clássico, reencontra sua linguagem:

Mas uma linguagem com significações bem diferentes; ela esqueceu os velhos discursos trágicos da Renascença nos quais se falava do dilaceramento do mundo, do fim dos tempos, do homem devorado pela animalidade. Ela renasce, essa linguagem da loucura, mas como uma explosão lírica: descoberta de que no homem o interior é também exterior, de que o ponto extremo da subjetividade se identifica com o fascínio imediato do objeto, de que todo o fim está devotado à obstinação do retorno (Idem ibidem. p. 648).

Assim, se a loucura se manifesta como ausência de obra, como dissemos acima, ela não é ausência de linguagem – ao contrário, nela, a relação entre linguagem e obra enuncia seus limites, logo, o protocolo que institui **linguagem** como **obra**, e **obra** como obra **da razão**: assim como a loucura rompe com os limites da razão, a literatura moderna se caracteriza por colocar-se no **limiar** da fronteira com a qual, enquanto obra, ela é impelida a obedecer. E se o parentesco entre literatura e loucura será dado pela **experiência limite**, isto ocorre na medida de uma “linguagem que se cala na sua superposição a si mesma” e que, justamente, **é a forma vazia da obra** – como dirá Foucault, em um texto posterior a sua tese e cujo título é, precisamente, *A loucura, a ausência de obra*:

Descoberta como uma linguagem que se cala na sua superposição a si mesma, a loucura não manifesta e nem tampouco nos conta o nascimento de uma obra (ou de algo que, com gênio ou sorte, teria podido tornar-se uma obra); ela designa a forma vazia donde provém esta obra, quer dizer, o lugar de onde ela não cessa de estar ausente, lugar onde nunca a encontraremos porque lá ela jamais se encontrou. Nesta região pálida, sob este esconderijo essencial, desvela-se a incompatibilidade gêmea da obra e da loucura; é o ponto cego da possibilidade de cada uma, e de sua exclusão mútua. Mas, desde Raymond Roussel, desde Artaud, trata-se igualmente do lugar no qual linguagem e literatura se aproximam. Mas lá elas não se aproximam como qualquer coisa que teria por tarefa a de

enunciar. Já é tempo de perceber que a linguagem da literatura não se define por aquilo que ela diz ou pelas estruturas que lhe tornam significante. Ela possui um ser e é este ser que é necessário interrogar. Atualmente, qual é este ser? Sem dúvida qualquer coisa ligada à auto-implicação, ao duplo e ao vazio que nela se escava. Neste sentido, o ser da literatura, tal como ele se produz desde Mallarmé e tal como ele chegou até nós, ganha a região na qual, desde Freud, faz-se a experiência da loucura (FOUCAULT, 2001b, p. 447).

Do ponto de vista foucaultiano, portanto, o “ser da literatura moderna” – “tal como ele se produz desde Mallarmé” –, diz respeito essencialmente à questão de uma “/.../ linguagem na qual a palavra enuncia, simultaneamente ao que ela diz e em um mesmo movimento, a língua que a torna decifrável como palavra” (Idem ibidem. p. 446). Ora, em que consiste este ultrapassar, transgredir, contestar os limites da obra, da razão, do sentido? Uma linguagem que transgride a linguagem se apresenta “sem sentido”, ou seja, se apresenta como signo sem outro fundamento que não a auto-implicação de um vazio que nela se escava – um fundamento sem “fundo”, isto é, precisamente sem fundamento. Mas não é isso, igualmente, aquilo que estará em questão na loucura? Não foi a loucura, com Freud, compreendida como “a palavra que envolve a si mesma, dizendo outra coisa aquém daquilo que é dito, e da qual ela se faz ao mesmo tempo o único código possível”? (Idem ibidem. p. 445). Não é a loucura, com efeito, uma **negatividade de sentido** e, enquanto tal, **ausência de obra**?

A loucura de Artaud não se esgueira nos interstícios da obra; ela é precisamente a ausência da obra, a presença repetida dessa ausência, seu vazio central experimentado e medido em todas as suas dimensões, que não acabam mais (FOUCAULT, 1972. p. 555).

Note-se, contudo, que a passagem de *História da loucura* (1961) ao artigo *A loucura, a ausência de obra* (1964) encerra uma significativa diferença com relação ao modo como Foucault, em linhas gerais, compreendia o fenômeno da desrazão. Na tese doutoral de Foucault a loucura será pensada a partir de uma “experiência trágica” análoga àquela que se pode encontrar no Nietzsche de *Nascimento da tragédia* – algo que, uma vez mais, o *Prefácio* da tese permite entrever: “/.../ a experiência da loucura se obliterará, então, em imagens nas quais o que estava em questão era a Queda e o Arremate, a Besta, a Metamorfose e todos os segredos maravilhoso do Saber” (FOUCAULT, 2001a, 193)³. Em contrapartida – e lembremos que já na década de 1970 o *Prefácio* será suprimido⁴ –, nas

³ Portanto, em *História da loucura* “/.../ Foucault pensa a relação entre literatura e loucura a partir da experiência trágica concebida como retomada ou apropriação apolínea do culto dionisíaco, como a transformação, a transfiguração de um fenômeno dionisíaco puro, selvagem, bárbaro, titânico, em uma arte trágica, apolíneo-dionisíaca, que realiza a ‘união conjugal’ das duas pulsões estéticas da natureza. Dito de outro modo, e através de uma analogia: a literatura, em Foucault, está para a loucura, assim como a tragédia, em Nietzsche, está para o culto dionisíaco. Não será por isso que o prefácio de *História da loucura* se refere a uma ‘loucura em estado selvagem’ e a ‘imagens que nunca foram poesia’?” (Cf. MACHADO, 2001. p. 45).

⁴ Como bem nos lembra Deleuze: “Ce que Foucault reprochera à ‘*L’histoire de la folie*’, c’est d’invoquer encore une expérience vécue sauvage, à la manière des phénoménologues” (Cf. DELEUZE, 1986. p. 58). Donde a supressão do famoso *Prefácio*, no qual pode ler-se o que se segue: “Cette structure de l’expérience

linhas de *A loucura, a ausência de obra* a relação entre loucura e literatura será definida a partir daquilo que constituiria a descoberta freudiana da loucura como um tipo específico de linguagem: comprometendo o código lá onde a lógica da língua procura instituir-se, a linguagem literária da qual trata Foucault, assim como a loucura (freudianamente entendida), inscreve nela mesma o seu princípio de decifração – não se trata da origem da obra, mas do lugar de sua impossibilidade.

E é neste sentido que Foucault procura sublinhar uma forma de “exclusão da linguagem” diversa da “fala sem significação em relação ao código”, da “fala blasfematória” ou mesmo da “fala da significação proibida”: com Freud, a experiência da loucura se desnuda em uma espécie de interdição da linguagem que “/.../ consiste em submeter uma palavra, aparentemente de acordo com o código reconhecido, a um outro código, cuja chave é dada nesta mesma palavra” (FOUCAULT, 2001b. p. 444), de sorte que esta fala possa se dobrar sobre si mesma. Uma linguagem que se auto-implica, como esta da loucura freudiana, como aquela da literatura impessoal, representa uma transgressão tão mais significativa quanto maior a sua capacidade de deslocar o centro de gravitação de uma conformação discursiva que, no raiar da modernidade, postula a existência de uma **verdade psicológica da loucura**.

Feitas todas as contas, seja em *História da loucura*, seja em escritos posteriores, o gesto transgressor que aqui se anuncia – e que Foucault procura sublinhar – é aquele da linguagem literária como esfera capaz de resistir ao aprisionamento moral que constitui o monopólio da razão sobre a loucura; em conseqüência, uma transgressão capaz de desatar um nó já em vias de ser desfeito: lá onde a literatura fala, “/.../ loucura e doença mental desfazem seu pertencimento a uma mesma unidade antropológica” (Idem ibidem. p. 448).

Referências Bibliográficas

- [1] 2007. DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Trad. Peter Pál Pelbart. Coleção Trans. São Paulo: Editora 34.
- [2] 1986. _____. *Foucault*. Collection “Critique”. Paris: Les Éditions de Minuit.
- [3] 1972. FOUCAULT, Michel. *Histoire de la folie à l’âge classique*. Collection Tel Gallimard. Paris: Gallimard.
- [4] 2001a. _____. “Préface”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard.
- [5] 2001b. _____. “La folie, l’absence d’oeuvre”. In: *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard.
- [6] 2001c. MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

de la folie, qui est tout entière de l’histoire, mais qui siège à ses confins, et là où elle se décide, fait l’objet de cette étude” (Cf. FOUCAULT, 2001a. p. 192).

Autor

1 André CONSTANTINO YAZBEK. Prof. Dr.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Departamento de Filosofia / Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Faculdade de Administração.

acyzk@hotmail.com